



UNIVERSIDAD DE CIENCIAS
EMPRESARIALES Y SOCIALES www.uces.edu.ar

INSTITUTO DE ALTOS ESTUDIOS EN PSICOLOGÍA Y CIENCIAS SOCIALES (IAEPCIS) “David Maldivsky”
Doctorado en Psicología
Departamento de Investigaciones

XIX Jornadas Internacionales de Investigación en Psicología
UCES 2023 XXI Jornadas Internacionales de Actualización
del Algoritmo David Liberman

FREUD E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO LIGADOS AO PATRIARCADO

Renata Schaun¹

Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales

RESUMO

Introdução: O patriarcado, sistema de poder pautado na centralidade figura masculina, para que pudesse firmar-se como tal, subjugou as mulheres e assumiu mais altos lugares hierárquicos dentro das mais diversas instituições sociais, se tornando detentor do domínio e do poder do capital simbólico, político e econômico, e atravessou toda o desenvolvimento inicial da teoria psicanalítica. (Delphy, 2009). Objetivo: Dessa maneira, buscamos identificar como o patriarcado perpassa a teoria freudiana e influencia a forma da psicanálise conceber o processo de subjetivação. Métodos e instrumentos: Para realizar essa investigação realizamos uma pesquisa bibliográfica, utilizando como fonte de dados os principais textos de freudianos são atravessados pela referência masculina para explicar os modos de subjetivação *Totem e Tabu* (1913/2012), *A Organização Genital Infantil* (1923/2018), *O Eu e o Id* (1923/2007), *O declínio do complexo de Édipo* (1924/2018); *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/2018); *Sobre a sexualidade feminina* (1931/2018) e em *Moisés e o Monoteísmo* (1939/1996). Resultados: Nos textos freudianos analisados, foi observado o patriarcado como sistema estruturador para o desenvolvimento dos estudos psicanalíticos sobre os modos de subjetivação expressa de diferentes maneiras no contexto das primeiras.

Palavras-chave: Patriarcado. Psicanálise. Subjetividade. Teoria Freudiana.

¹ Graduada em Filosofia (UESC), Psicóloga (CRP 03/21898), Psicanalista (SOBPIEX 0699003), Supervisora Clínica Especialista em Psicologia Educacional, Mestre em Linguagens e Representações (UESC), Doutoranda em Psicologia (UCES), Pesquisadora do Instituto de Altos Estudos em Psicología y Ciencias Sociales (IAEPCIS).

Freud y los modos de subjetivación vinculados al patriarcado

Resumen:

Introducción: El patriarcado, sistema de poder basado en la centralidad de la figura masculina, para que éste pudiera constituirse como tal, subyugó a la mujer y asumió lugares jerárquicos superiores dentro de las más diversas instituciones sociales, convirtiéndose en detentadora del dominio y poder de capital simbólico, político y económico, y recorrió todo el desarrollo inicial de la teoría psicoanalítica. (Delphy, 2009). Objetivo: De esta manera, buscamos identificar cómo el patriarcado permea la teoría freudiana e influye en la forma en que el psicoanálisis concibe el proceso de subjetivación. Metodología: Para llevar a cabo esta investigación, se realizó una investigación bibliográfica, utilizando como fuente de datos los principales textos freudianos son atravesados por la referencia masculina para explicar los modos de subjetivación Tótem y Tabú (1913/2012), La Organización Genital Infantil (1923/2018), El yo y el ello (1923/2007), La decadencia del complejo de Edipo (1924/2018); Algunas consecuencias psíquicas de la distinción anatómica entre los sexos (1925/2018); Sobre la sexualidad femenina (1931/2018) y sobre Moisés y el monoteísmo (1939/1996). Resultados: En los textos freudianos analizados, se observó el patriarcado como sistema estructurante para el desarrollo de los estudios psicoanalíticos sobre los modos de subjetivación expresados de diversas formas en el contexto del primero. Conclusión: El psicoanálisis, como ciencia de su época, se forjó en un ambiente de referencia patriarcal, donde la cultura y la civilización actual se entrelazaron, interfiriendo en la forma de concepción del psiquismo y la subjetividad, sin embargo esto no resta vigencia e importancia a los primeros estudios psicoanalíticos fraguados por Freud.

Palabras clave: Patriarcado. Psicoanálisis. Subjetividad. Teoría freudiana.

Introdução

Muitos aspectos do sistema patriarcal fazem parte da construção da teoria psicanalítica. Entretanto, essa base patriarcal presente desde a fundação da psicanálise só foi observada e questionada a partir da segunda onda do feminismo na década de 1960. Algumas das psicanalistas pioneiras nesse estudo foram Juliet Mitchell, psicóloga e psicanalista inglesa, com o seu livro *Psychoanalysis And Feminism* (1975), a socióloga e psicanalista Nancy Chodorow em a Estrutura familiar e personalidade feminina (1979) e psicanalista estadunidense Jessica Benjamin em *The bonds of love: psychoanalysis, feminism, and the problem of domination* (1988). Segundo as autoras, a psicanálise não descreveu apenas processos inconscientes e a dinâmica psíquica, mas trouxe também uma teoria psicanalítica marcada pelo patriarcado, cujas interpretações sofreram sua influência, gerando uma clínica que enfatiza o androcentrismo. (Parente & Silveira, 2020)

A partir do modelo cultural e social patriarcal presentes ao longo da obra freudiana, buscamos realizar um estudo de alguns textos psicanalíticos, apresentando as influências do patriarcado na forma da teoria psicanalítica conceber o psíquico e a subjetividade.

Metodologia, materiais e métodos

Para realizar essa investigação realizamos uma pesquisa bibliográfica, utilizando como fonte de dados os principais textos de freudianos que abordam a temática do pai e da sexualidade masculina e do feminina, a fim de discutir a presença do patriarcado nos modos de subjetivação na teoria

freudiana. Nesse sentido selecionamos cronologicamente os textos *Totem e Tabu* (1913/2012), *A Organização Genital Infantil* (1923/2018), *O Eu e o Id* (1923/2007), *O declínio do complexo de Édipo* (1924/2018); *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/2018); *Sobre a sexualidade feminina* (1931/2018) e em *Moisés e o Monoteísmo* (1939/1996).

Análise

Realizando uma análise dos estudos que permitiram o nascimento da teoria psicanalítica, os psicanalistas que estudaram o patriarcado dentro da obra freudiana observaram a presença das crenças na modernidade em associar o feminino à irracionalidade e o masculino à racionalidade. Através do estudo que Charcot, e em seguida Freud desenvolveram com as histéricas, mulheres se apresentavam como seres incognoscíveis para a medicina da época, composta em quase sua totalidade por médicos homens. Elas brincavam através de seus sintomas com as fronteiras da razão e da consciência, é com elas que se começou o estudo da psicanálise e do inconsciente.

Desde então, a questão do patriarcado na psicanálise aparece imbricado em vários textos freudianos, dentre eles *Totem e Tabu* (1913/2012), *A Organização Genital Infantil* (1923/2018), *O Eu e o Id* (1923/2007), *O declínio do complexo de Édipo* (1924/2018); *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/2018); *Sobre a sexualidade feminina* (1931/2018) e em *Moisés e o Monoteísmo* (1939/1996).

Totem e Tabu (1913/2012) é o primeiro texto freudiano que ao teorizar sobre a origem da sociedade, aponta nela uma estrutura social alicerçada no patriarcado. Nesse texto, Freud desenvolve a hipótese de uma horda primitiva como precursora da formação da família. Para o psicanalista, a família seria o grupo onde se encontram os limites e proibições presentes no convívio social (Green, 1991).

No mito da pré-história mítica da horda primitiva,

Um pai violento e ciumento, que reserva todas as fêmeas para si e expulsa os filhos quando crescem, eis o que ali se acha. [...] Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. [...] No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. [...] Eles odiavam o pai, que constituía forte obstáculo a sua necessidade de poder e suas reivindicações sexuais, mas também o amavam e o admiravam. Depois que o eliminaram, satisfizeram seu ódio e concretizaram o desejo de identificação com ele, os impulsos afetuosos até então subjugados tinham de impor-se. Isso ocorreu em forma de arrependimento, surgiu uma consciência de culpa, que aí equivale ao arrependimento sentido em comum. [...] Eles revogaram seu ato, declarando ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem, e renunciaram à consequência dele, privando-se das mulheres então liberadas. Assim criaram, a partir da consciência de culpa do filho, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem os infringia tornava-se culpado dos dois crimes que inquietavam a sociedade primitiva. (Freud, 1913/2012, p. 84)

Assim, os filhos por ódio e inveja, mataram o pai, detentor de todas as mulheres, a fim de ter direito de também as possuir.

O pai edípico pode ser observado sob três tempos, o pai vivo, possuidor de todas as mulheres, o pai assassinado, que autoriza os filhos a realizarem seu próprio desejo, e a culpa e o remorso que seguem esse ato, uma vez que os filhos além de odiar, admiravam seu pai. O pai morto, onde agora os filhos se veem diante da situação em que os filhos desejam ocupar o lugar do pai e ter todas as

mulheres para si, assim, a fim de preservarem-se do mesmo destino do pai, instituíram a lei do incesto, negando a si próprios as mães e irmãs.

O pai morto ligou-se, portanto, à criação e à manutenção da lei. No que tange às leis, duas foram sancionadas: não assassinar o pai e não possuir as mulheres do mesmo clã. Estas foram criadas como meios para prevenir que o mesmo fim acontecesse aos outros membros masculinos da horda primitiva. Surge assim, a necessidade da renúncia de possuir todas as mulheres, e o sacrifício de pôr limite aos seus desejos sexuais, evocando a percepção de que esse sacrifício e renúncia precisavam acontecer em prol da existência e da sobrevivência da sociedade. (Perelberg, 2021).

Pode-se considerar, tomando como pressuposto o patriarcado, que nesse mito o homem tem o protagonismo dos desejos e das ações, assumindo um papel ativo em todos os momentos, já as mulheres assumem um papel coadjuvante, desconhecido, talvez passivo, uma vez que não se tece uma abordagem sobre qual seria a percepção e o sentimento feminino em ocupar a posição de ser objeto de posse, desejo, disputa e conflitos entre os membros masculinos da tribo.

Nesse texto também podemos observar a presença da dominação masculina (Bourdieu, 2012) sobre os bens simbólicos e a mulher, sendo esta, considerada neste mito da horda primitiva, objeto de trocas, rivalidades e alianças.

Já no texto *O Eu e o Id* (1923/2007), Freud acrescentou à noção de SuperEu como herdeiro da dissolução do Complexo de Édipo. Esta seria formada pela internalização das regras e das leis advindas da imposição do impedimento do pai para a realização dos desejos incestuosos, através do Complexo de Castração.

O Complexo de Castração descreve a constituição do sujeito de desejo a partir da internalização da lei do pai, diante da ameaça e da angústia castração, surgidas segundo Freud (1923/2007), ao notar pelo olhar a diferença anatômica entre os homens e as mulheres. Nesse momento do psicodesenvolvimento, o sujeito masculino vê-se obrigado a renunciar a satisfação de suas fantasias incestuosas e parricidas, tendo que internalizar a primeira grande interdição do seu desejo, por medo da castração paterna, para proteger a integridade do seu Eu (Green, 1991).

Esse conjunto de proibições será internalizado pelo Eu compondo um conjunto de exigências morais e de proibições que o sujeito passará a impor a si mesmo, uma vez que a autoridade dos pais como símbolo do barramento do desejo foi internalizada. (Nasio, 1997). Para Freud essa instância moral tem a figura do pai como principal força para limitar a satisfação irrestrita dos desejos.

A temática do patriarcado reaparece na obra freudiana *A Organização Genital Infantil* (1923/2018), que tem como subtítulo uma interpolação na teoria da sexualidade. Nesta obra, Freud sublinha que durante a infância haveria a percepção de apenas um órgão genital, o pênis, a pontando a inexistência do órgão sexual feminino, percebida por isso como faltosa e castrada. Freud justifica dessa maneira a posição passiva e limitada da figura feminina, frente ao lugar ativo e de poder do falo.

No artigo *O declínio do complexo de Édipo* (1924/2018) o pênis recebe novamente o lugar de referencial na definição da diferença entre os sexos, sendo a menina considerada castrada, limitada e faltosa, diante do poder e da potência fálica. Nesse sentido, vale ressaltar que os homens são os possuidores do falo e as mulheres são as que não o possui.

Em 1925, no texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/2018), Freud discute o desenvolvimento do complexo de Édipo nas meninas e nos meninos, a pontando a inveja feminina do pênis, uma vez que elas não o têm. Como consequências de sua privação, as meninas desenvolvem um sentimento de inferioridade por não ter o pênis, que vai se deslocar para uma inveja dos meninos e em seguida um ciúme.

Em 1931 Freud apresenta novas pontuações sobre a sexualidade feminina em seu trabalho *Sobre a sexualidade feminina* (1931/2018), as quais reforçam a ideia patriarcal da superioridade

masculina ante ao feminino. Nesse texto Freud defende que a mulher, ao passar pelo complexo de castração, reconhece a superioridade masculina e sua própria inferioridade. Segundo Freud, a menina durante ao complexo de Édipo, ao se comparar com o menino, descobre sua própria deficiência e cresce insatisfeita com a anatomia do seu órgão sexual. A menina, então, abandona sua posição fálica ativa e com ela boa parte da sua masculinidade, assumindo uma posição psicodinâmica passiva, invejando o homem por possuir o pênis.

Por último, em *Moisés e o Monoteísmo* (1939/1996), no terceiro ensaio do derradeiro livro de Freud, intitulado de *O homem Moisés e a religião monoteísta*, Freud novamente apresenta elementos para a compreensão do patriarcado em sua obra. Nesta obra o autor contrapõe o patriarcado ao matriarcado, apontando a superioridade do primeiro, a partir da tese que a substituição social do regime matriarcado pelo patriarcado, está ligado à substituição da percepção sensorial da maternidade, para a qualidades intelectuais superiores.

A validação da superioridade do patriarcado é elaborada através de premissas que acreditam que a lógica racional é mais valorosa para o desenvolvimento da sociedade do que o sensível. Parte-se, portanto, da sensualidade no sistema matriarcal, para o salto da espiritualidade através do intelecto, no patriarcado, marcando para Freud um progresso cultural.

Discussão

Diante dessa seleção de textos freudianos sobre a sexualidade e a cultura, escritos em vários momentos da teoria, observamos que o psicanalista coloca o falo dentre os objetos autoeróticos primários, colocando-o como uma zona erógena de grande importância, sendo a menina marcada por sua ausência. Já dentro dos textos que abordam a temática da cultura Freud destaca a figura do pai, como essencial para a construção da sociedade, citando as mulheres em um lugar coadjuvante ou inferior. O que pode ser interpretado como forma de apresentar uma superioridade da subjetividade masculina frente à feminina.

Para Benjamim (1988), que desenvolve uma crítica aos textos freudianos supracitados, afirmando que a teoria psicanalítica freudiana a pesar estudar as mulheres e considera-las importantes para o desenvolvimento da psicanálise, não leva em consideração a descoberta da sexualidade feminina. A psicanalista ressalta que o olhar para a sexualidade e da subjetividade tem como referência sempre o mesmo gênero, o masculino.

Conclusão

Observa-se, portanto, que psicanálise e sua a forma de conceber o psíquico e a subjetividade foi forjada em um ambiente de referência patriarcal, onde se entrelaçou a cultura e a civilização, com a crença que circulava na época, da superioridade masculina e a inferioridade feminina (Parente & Silveira, 2020)

A psicanálise freudiana seria assim, considerada a partir de uma base patriarcal, no sentido de ter posto o pai como figura importante de ordenador clínico, teórico, social e do limite epistemológico advindos através do complexo de Édipo. Através dele e do seu herdeiro o Superego, tiveram início a religião, a moralidade, a sociedade e a arte. Além disso, para a psicanálise freudiana esses complexos são considerados nucleares para o desenvolvimento de todas as neuroses. (Parente & Silveira, 2020)

O patriarcado se apresenta, portanto, como lei reguladora na estrutura dos pensamentos teóricos que forjam a psicanálise. As quais segundo a psicanálise clássica fazem parte da formação

natural da estrutura psíquica do sujeito, mas que segundo psicanalistas feministas contemporâneas como Benjamin (1988) são usadas para esconder o horror da dependência masculina das mulheres.

Referências

- Benjamin, Jessica (1988). The bonds of love : psychoanalysis, feminism, and the problem of domination. New York: Pantheon Books
- Bourdieu, Pierre (1999). A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Chodorow, N. (1979). Estrutura familiar e personalidade feminina. In: M.Z. Rosaldo & L. Lamphere (orgs.), A mulher, a cultura, a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Federn, Ernst & Nuremberg, Herman (orgs.). Os primeiros psicanalistas: atas da Sociedade Psicanalítica de Viena 1906-1908, v. I. São Paulo: Scriptorium, 2015.
- Freud, Sigmund (1923/2018) A organização genital infantil. In.: Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Freud, Sigmund (1923/2018). O Declínio do Complexo de Édipo. In.: Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Freud, Sigmund (1925/2018). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In.: Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Freud, Sigmund (1931/2018). Sobre a sexualidade feminina. In.: _____ Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Freud, Sigmund (1939/1996). Moisés e o monoteísmo. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXIII). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, Sigmund. (1913/ 2012). Totem e tabu. São Paulo: companhia das letras
- Freud, Sigmund. (2023/2007) O Eu e o Id, 1923. In.: _____ Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Vol. 03. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, André. (1991) O complexo de castração. Rio de Janeiro: Imago.
- Mitchell, Juliet (1974). PSYCHOANALYSIS AND FEMINISM A Radical Reassessment of Freudian Psychoanalysis. New York: Basics Books.
- Parente, Alessandra & Silveira, Léa. (2020). Freud e o patriarcado. São Paulo: Hedra. Edição do Kindle.